

A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE AUTISMO EM VISITAS DOMICILIARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Vivian Liz de Medeiros Vieira², Marina Polo Grison³, Ivan Carlini Angonese⁴, Elson Romeu Farias⁵

¹ Relato de experiência

² Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil, RS. vivianliz@rede.ulbra.br

³ Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil, RS. marinapologrison@gmail.com

⁴ Acadêmico do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil. angonese2000@hotmail.com

⁵ Médico de Família e Comunidade - Professor de Medicina da Universidade Luterana do Brasil, RS. Docente e Especialista em Saúde da Escola de Saúde Pública da SES/RS. elsonfarias@terra.com.br

INTRODUÇÃO

As diretrizes curriculares dos cursos de Medicina apontam para uma formação humanista com competências para atuação junto à família e comunidade. Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por deficiente interação e comunicação social e possuem padrões estereotipados e repetitivos de comportamento. A gravidade implica em uma maior demanda por cuidados e, com isso, a família precisa se adaptar às necessidades emergentes. Desse modo, como os sintomas surgem nos primeiros anos de vida é fundamental que o diagnóstico seja precoce, pois assim evita uma série de problemas para a criança. Portanto, acompanhar a rotina dessa criança propicia um melhor entendimento sobre o distúrbio e auxilia os familiares.

OBJETIVOS

Descrever o relato de experiência do acompanhamento do desenvolvimento de uma criança autista de 3 anos e sua relação com a família.

METODOLOGIA

Relato da Experiência. Durante as atividades acadêmicas na disciplina de Medicina de Família e Comunidade II do curso de Medicina da Ulbra, os alunos acompanharam uma família durante cinco semanas. As cinco visitas domiciliares aconteceram nas sextas-feiras, no período da tarde, na cidade de Canoas-RS.

RESULTADOS

A família a qual acompanhamos é composta por cinco pessoas A.S.R. (sexo masculino, cor branca, 3 anos), sua mãe L.S. (sexo feminino, cor branca, 33 anos), seu pai C.R. (sexo masculino, cor branca, 37 anos), seus irmãos F.S.R. (feminino, cor branca, 12 anos) e M.S.R. (sexo masculino, cor branca, 18 meses). Contudo, a família estava temporariamente na casa de um familiar de L.S., então a casa era habitada por eles cinco e mais o tio da L.S. e seu filho. A renda da família provém do trabalho do pai, pois a mãe necessitou sair do emprego para cuidar de A.S.R. A residência é de madeira e possui alguns “buracos” na parede, os quais fazem com que entre água em dias de chuva, há um banheiro, dois quartos - um dorme a mãe, o pai e os irmãos de A.S. R, e no outro dorme o tio juntamente com o seu filho, cozinha e sala conjugadas. E o A.S.R. dorme na casa à frente da sua com a sua avó materna, devido ao pouco espaço na sua residência. A casa está situada em um terreno compartilhado por outros familiares e todos aparentavam manter boa relação. A.S.R. foi recentemente diagnosticado com autismo de espectro leve. Nas cinco visitas foi visível que a patologia de A.S.R. não se restringia apenas ao paciente, mas atingia todo o núcleo familiar. A mãe mostrou-se preocupada com o desenvolvimento do filho e com as dificuldades impostas diariamente devido ao TEA. Contudo, A.S.R. demonstrou um envolvimento crescente com o grupo de visitas. No início do acompanhamento estava sempre no quarto ou junto à mãe e ao irmão mais novo, como também foi informado a nós que ele preferia ficar isolado na companhia de objetos inanimados à de pessoas. Ele falava pouco e mínimas vezes observamos a interação olho no olho. No decorrer das visitas o contato melhorou e ele interagiu com o grupo na sala, mas a dificuldade de olho no olho persistiu.

CONCLUSÕES

Verificou-se que a presença de um autista dificulta o desenvolvimento emocional sadio entre os membros da família, devido ao fato de a doença afetar o conjunto família. Além disso, foi possível observar que a visita domiciliar é um modo mais humanizado de atendimento e oferece uma possibilidade de cuidar unicamente de cada indivíduo. Portanto, o profissional de saúde que atua com famílias em que haja algum membro com autismo deve compreender que a participação da família no tratamento é fundamental para o desenvolvimento da criança e para o próprio bem estar familiar.

PALAVRAS-CHAVE : Autista; Educação Médica; Família; Orientação.